

CONSTRUINDO, NA CONTRAMÃO DA CULTURA, UM ESPAÇO PARA PROVIMENTO DE CUIDADOS A ENLUTADOS E DE EDUCAÇÃO PARA A MORTE - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Binotto, A. M. F.¹; Ducati, D. C. P.¹; Freitas, A. A.¹ - ¹AB Clínica de Psicologia e Apoio ao Luto -

O que se pode fazer em relação à dor de alguém que vai a um cemitério? A presença nesse local costuma indicar uma demanda, um luto em curso ou por resolver. O trabalho aqui apresentado foi proposto e desenvolvido a partir, principalmente, dessa premissa. Relata-se a experiência acumulada em palestras sobre o tema da morte proferidas em cemitérios e crematórios, promovidas por suas instituições mantenedoras com o intuito de melhor integrarem-se às comunidades a que servem. Temos aí uma oportunidade cada vez mais rara, pois esses são os locais onde ainda é possível a interlocução sobre um assunto que tem sido evitado, eclipsado e negaceado com crescente frequência. Traços culturais emergentes como a negação da própria vulnerabilidade e finitude, da busca de perene bem-estar, da inadmissão da dor, terminaram por restringir a abordagem da temática da morte a locais onde não há como negá-la. Ainda assim, mesmo ali, as pessoas, enlutadas ou não, tendem a permanecer isoladas, o que não é de se estranhar, dados os hábitos de fuga referidos. Daí resulta que, mais do que tratar do tema da morte, mais do que apresentar conceitos de convivência com ela, tentou-se nessas palestras abordar e destravar emoções represadas, vidas trancadas. Buscou-se oferecer, em palestras dotadas de vivências, e mesmo em escutas de manifestações espontâneas, acolhimento, sentido de identificação, validação de sentimentos, oportunidades de romper com o isolamento que o luto encontra na atual circunstância cultural. Não por acaso, mas sem que se tivesse isso como meta estabelecida, observou-se quase sempre a transformação de um grupo de pessoas segregadas em seu sofrimento (parte do qual inconsciente) em uma comunidade, no sentido de que houve ali a identificação de sentimentos importantes que eram comuns. A resposta geralmente encontrada nas suas redes de apoio, que tende a ser a de desvalorização, dá a esse reconhecimento uma dimensão de descoberta, de alívio, de transformação e de reconciliação com a vida.